

PRÁTICA DOCENTE E ENCANTAMENTO

A prática docente permeia inúmeras esferas; conhecimento técnico, habilidade, dedicação, cuidado, observação, entre tantos outros dons que norteiam a profissão. Acreditar na educação como forma de libertação e transgressão (HOOKS, 2019) é o horizonte para aqueles que fazem de sua habilidade algo extraordinário, transformador e encantador.

O docente repleto de conhecimento e falido de olhar, raramente conseguirá semear em seu jardim; fará apenas o depósito das sementes; sem reparar as condições que cada semente precisará para germinar e crescer. Quantos de nós conheceu sua referência docente nas aulas que pareciam “voar”. Ainda que o professor(a) tivesse três tempos consecutivos, seu encantamento tornava a aula leve e repleta de gostinho de quero mais. O envolvimento e acolhimento, torna o ensino mágico; caminha o aluno à direção da curiosidade, torna-o crítico ao mundo, ultrapassa o até então, pequena geografia escolar e, apresenta o mundo no olhar da curiosidade e principalmente da transformação. O encantador (professor), direciona o aluno não apenas o conhecimento dos livros, mas ensina-lhe a como viver no mundo.

Ser um docente vai muito além da transmissão do conhecimento, de nada adianta. O professor que não encanta, esquece seu amor pela docência, se perde em infinitos diplomas ou perde-se no tempo e na estagnação de sua formação, sem saber como compartilhar e envolver o aluno. Transgredir os limites bibliográficos, trazer para a sala de aula a “desordem” educacional para organizar em uma nova ordem; repleta de crítica e novas pontes nem sempre faz parte do docente. Quando o

professor insiste em não ver o aluno como um ser completo, com histórias, vivências, curiosidades e posicionamentos, ele se torna vazio; ou muitas vezes mostra seu lado de profunda perturbação na docência (HOOKS, 2019). Compreende que somente ele (o professor) detém o conhecimento e somente ele pode fazer analogias, ponderações e reflexões, não abre espaço para o crescimento do aluno como estudante e cidadão. Esquecendo-se que a leitura do mundo é fundamental para vivermos em sociedade (CALLAI, 2005).

Um professor doente de vontade de lecionar, causa profundas marcas em seu discente, o mesmo para o médico que já não ama a cura, um jardineiro que não brilha seus olhos com um jardim, (HOOKS, 2019). Como ensinar se o encantador não consegue mais amar? Como direcionar se ele mesmo perdeu seu “Norte” se perguntando o que faz na escola.

Surge aqui, o desencantador, o professor que adoeceu, que já não encontra realização em sua atividade. Esse profissional certamente possui problemas pessoais; tenta conciliar sua vida além de seu trabalho, suas muitas escolas e seu deslocamento; mas ele precisa entender o tamanho de sua responsabilidade perante a sociedade e seu compromisso com cada um daqueles que passaram e passarão em suas mãos. De forma geral, a sociedade e as instituições esquecem-se que o professor também é composto de sua ação humana e não apenas instrumento técnico (FELDMANN, 2009).

Os possíveis, mas não irreversíveis desencantadores, surgem desde sua escolha profissional. À esta, são diversos os caminhos que o levaram, desde baixa renda para financiar os estudos além da licenciatura, o baixo corte das instituições para os cursos pedagógicos ou mesmo o baixo rendimento escolar por toda a vida estudantil, não vendo para si, outro lugar no meio acadêmico, se não aquele espaço. Para eles, tudo se torna incômodo, independentemente de sua maturidade, não observam valor social em sua futura carreira e certamente não desejam o valor econômico que o mercado disponibiliza para a função. Tornam-se docentes pela força

do momento, não gostam do que fazem e principalmente não gostam de pessoas, alunos que lhes questionem, que queiram crescer, queiram debater. Muitas das vezes, eles se aposentam executando aquilo que não gostam, viveram anos “sofrendo” sobre o ato de lecionar e pior ainda, marcaram inúmeras vidas com seu baixo desempenho e pouco desenvolvimento do outro.

Quantos alunos foram marcados e tiveram graves prejuízos com a presença dos desencantadores? É incalculável o quanto os alunos foram prejudicados, o quanto os afetou na vida acadêmica e principalmente social. Muitos, que poderiam ter o dom de lecionar, abafaram essa possibilidade pela referência que tiveram. Ou ainda pior, quantos resolveram seguir a licenciatura por habilidade, mas foram reprodutores de práticas impróprias, as mesmas que receberam.

Deixemos estes, para outro momento, norteamos ao que nos é proposto, os encantadores. Que estes, se proliferem e encantem outros e, mesmo sabendo o quanto trabalhoso é ser encantador - planejar a aula, criar, produzir e executar com maestria. São incansáveis sobre a tendência socrática nas reflexões de seus discentes.

Referências:

CALLAI, H. C; TOSO, C. E.I. (org). **Diálogo com professores, cidadania e práticas educativas**. Ijuí: Unijuí, 2015.

_____. **Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental**. Cad. Cedes Campinas, v. 25, n. 66, p.131 – 132, maio/ago. 2005.

FELDMANN, M. G. **Formação de professores e escola na contemporaneidade**. São Paulo: SENAC, 2009.

HOOKS, B. **Ensinando a Transgredir; A educação como prática da liberdade**. Tradução: Marcelo Barndão Cipolla. 3ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2019.

Sobre a autora:

Lílian North dos Santos Martins - Graduanda em Pedagogia (UERJ), Pós-graduanda em Psicopedagogia Institucional e Clínica (UCAM), Doutora em Ciência da Educação (UTAD), Pós-graduada em Educação Ambiental (UCAM) e Graduada em geografia (SUAM). Leciona na educação básica desde 2005 e ensino superior em 2021.